

5014

REVISTA ACADEMICA

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

REDACTORES

MIGUEL LEMOS E JOACHIM DA JUNHA

— — — — —  
ANNO I — N. 1

PUBLICAÇÃO QUINZENAL.



RIO DE JANEIRO

*Typographia COMMERCIAL, rua do Hospício n. 205*

—  
1873



# REVISTA ACADEMICA



JORNAL POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

REDACTORES

MIGUEL LEMOS E JOACHIM DA CUNHA



ANNO I — N. 1

PUBLICAÇÃO QUINZENAL



RIO DE JANEIRO

*Typographia COMMERCIAL, rua do Hospicio n. 205*

1873

# COLLABORADORES

---

Pimenta de Laet.  
Aarão Reis.  
Godofredo Furtado.  
Lima Barros.  
Viriato Belfort.  
Telles de Menezes.  
Fragoso de Mendonça.  
Teixeira de Souza.  
Augusto Pacca.  
Lopes Trovão.  
Miranda Azevedo.  
Nuno de Andrade.  
Alves Nogueira.  
Matta Machado.  
Galdino das Neves.  
José Leão.  
Linz de Albuquerque.

*Aviso*

Não se devolvem os originaes

# REVISTA ACADEMICA



Rio de Janeiro, 15 de Março de 1873

Mais uma voz na imprensa academica.

E' ella porém, tão debil e balbuciante que apenas se fará ouvir no geral concerto das harmonias litterarias. Só espera ser percebida por aquelles que benevolmente se collocarem ao seu alcance. As nossas pretensões não vão além. Conscios da nossa obscuridade e insufficiencia, ao iniciar esta empreza tivemos unicamente em vista o animar pelo exemplo.

Se conseguirmos aproveitar a actividade intellectual dos nossos collegas; se nos fôr dado concorrer com o nosso pequeno contingente para acabar com essa apathia e indifferença que distingue o estudante Brasileiro, não desejaremos outra recompensa. E se estes resultados forem coroados pela união da classe academica, infelizmente tão desligada entre nós, teremos chegado ao apice das nossas aspirações.

A *Revista* comprehende no seu programma as questões scientificas, litterarias e religiosas, e seus redactores receberão sempre com prazer qualquer trabalho nesse sentido, reservando-se elles o direito de rejeitar o escripto que não lhes parecer conve-

niente na fôrma. Deixamos completa liberdade ás idéas, mas exigimos circumspecção litteraria no modo de manifestal-as.

Quanto ao mais temos que declarar o seguinte:

A *Revista Academica* é republicana, nem outro credo politico poderia escrever na sua bandeira. E' republicana porque conhece que, como interprete da mocidade academica, não lhe podia ser fiel sustentando doutrinas que essa juventude rejeita.

A *Revista* não pôde prescindir da discussão politica. No estado de desmoralisação a que nos tem conduzido o regimen actual; no momento em que a monarchia abandonando a penna e a palavra recorre á *pedra* e á *garrafa* para combater a idéa democratica; no dia em que estes attentados e outros muitos collocam o cidadão Brasileiro na dura alternativa de rojar-se aos pés do despotismo ou de morrer ás mãos da policia disfarçada, cumpre á mocidade, depositaria do vigor da nação, protestar bem alto contra o regimen que tem produzido todas estas monstruosidades. O nosso protesto será uma discussão calma e digna, no terreno dos principios.

E' este o nosso programma.

*Miguel Lemos.*

*Joachim da Cunha.*

---

## POLITICA

---

### Monarchia e Republica

No meio de geral scepticismo que invade o espirito do cidadão brasileiro, ao contemplar a crescente ruina das nossas instituições, levantam-se algumas vozes conciliadoras, procurando demonstrar que a liberdade póde prosperar tanto debaixo do regimen monarchico como sob a fórma republicana. Porém, se esta é a taboa de salvação a que se agarram com desespero os que querem salvar a todo custo a ordem de cousas estabelecida, forçoso será reconhecer que não escaparão do naufragio com tão fragil lenho.

Com effeito, a differença que existe entre a monarchia e a republica está na essencia destas duas instituições. Ambas repellem-se mutuamente. O fim que a republica se propõe, isto é, o governo do povo pelo povo e a igualdade dos direitos do homem, base de todas as liberdades, não póde ser conseguido de maneira alguma no governo monarchico. Este tem por origem o reconhecimento do direito de governar limitado a uma familia, privilegio que por si só destróe toda e qualquer tendencia á emancipação politica do homem. Se a monarchia já não *considera* escravos os seus subditos, torna-os hoje mais escravos ainda, pela mais efficaz de todas as causas: a corrupção. Aqui, na verdade, não sentimos como os governados do Czar da Russia a ponta do latego do rei,

mas em compensação temos homens politicos sem brios, sem consciencia, promptos a dobrarem-se a todos os caprichos de quem lhes paga as baixeiras, um patronato escandaloso que não conhece merito nem virtude, e sobre as ruinas de todos os caracteres ergue-se medonho e ridiculo, ao mesmo tempo, o fantasma do Cezarismo. Ha bem pouco tempo, que um deputado declarou em pleno parlamento que abandonava a carreira politica, porque tinha reconhecido que na nossa terra ella era incompativel com a honestidade. Eis as consequencias da fórma monarchica no nosso paiz.

No governo monarchico dous interesses acham-se sempre em luta: o interesse da familia reinante e o interesse da nação. Este é sempre sacrificado ao interesse da dynastia que é inviolavel e sagrada. O rei já não diz como Luiz XIV o disse publicamente—*L'étât c'est moi*—mas todos os seus esforços são dirigidos para a applicação pratica dessa maxima, ainda que as conveniencias lhe não permitem enuncial-a. Supponhamos, porém, o papel da familia privilegiada completamente nullo, não deixará por isso o povo de pagar o sustento dessa familia cuja occupação é não fazer cousa alguma. Mas nós sabemos que esta hypothese é impossivel, e que o papel de rei constitucional é papel de primeiro actor.

Outro perigo da monarchia é a sua alliança com o clero, o inimigo de todas as liberdades.

Um exemplo do que acabo de adiantar, o temos tambem desgraçadamente no nosso paiz. Em uma republica, fórma de governo que reconhece a liberdade de consciencia e de cultos, não se praticariam os actos que todos os dias praticam aqui os sectarios de Ignacio de Loyola. Monarchia e Clero são os maiores inimigos das liberdades dos povos.

Outra differença notavel entre á fórma monarchica e

republicana, é que a primeira se póde estabelecer em um paiz qualquer que seja o gráo de instrucção do povo. A republica porém, para prosperar precisa da instrucção popular, e eis-aquí a razão dos progressos dos Estados-Unidos, e a causa do atrazo das Republicas do Prata. A monarchia é compativel com um povo ignorante e só se sustenta pela corrupção e falta de civismo, a republica precisa de um povo instruido e morre no dia em que se acabam as virtudes do cidadão.

Nosso dever é portanto trabalhar para que desappareçam esses obstaculos ao estabelecimento da republica no nosso bello paiz.

O partido republicano brazileiro terá forças e elementos para uma empreza de tanta magnitude? E' o que vamos vêr agora.

No partido republicano do Brazil podem-se considerar duas classes de individuos.

A primeira, menos numerosos, é composta de homens decepcionados que procuram a esperança nas idéas republicanas; a segunda conta no seu seio a mocidade instruida a quem amanhã se ha de entregar a direcção dos destinos da patria. Os individuos que compõem a primeira classe são pela maior parte homens cançados das lides politicas, chegados já á idade do egoismo, e por isso pouco habilitados para emprehender a grande obra da nossa regeneração. Delles nada esperamos. Esperamos tudo porém, dessa mocidade briosa que é republicana, não por estar fatigada, mas, porque vê nas idéas democraticas a realisação do ideal em politica. E' essa juventude que está chamada á desempenhar a difficil, porém, gloriosa tarefa de esmagar o monstro do despotismo e de provar ao mundo que no solo americano não vingam monarchias. Ella está convencida que a questão de fórma não se póde separar da questão de essen-

cia; que monarchia quer dizer trévas, ignorancia e corrupção, que republica significa luz, sciencia e patriotismo. Dous pharóes a illuminam nessa senda escabrosa, mas, que promette grande gloria, a Philosophia e a Historia: a razão e os factos.

*Miguel Lemos*

---

### Um factó notavel

Mais um factó notavel e celebre veio ornar as paginas da historia moderna e testemunhar ao universo a virilidade de um povo e a honestidade de um rei.

A abdicção expontanea do rei da Hespanha, a proclamação da republica n'esse bello paiz no meio da maior tranquillidade e sem o derramamento da menor gotta de sangue, symbolisam uma victima da ambição familiar sobre os interesses de um povo, da democracia sobre a monarchia, da razão sobre as armas, da logica e do raciocínio sobre a força physica e material.

A noticia da inauguração do governo republicano na mais bella parte da península iberica, trouxe o jubilo ao coração dos brasileiros, que prezam esse nome, e o remorso á consciencia d'aquelles que tem abusado da paciencia dos povos e postergado suas liberdades e seus direitos.

Assim se explica o festejo que os republicanos d'esta capital fizeram em signal de regosijo por esse acontecimento, talvez o primeiro em seu genero, e o desespero do imperante, do governo e de seus asseclas.

Assim se explica a manifestação pacifica dos demokratas brasileiros e a aggressão vergonhosa e infame das auctoridades contra a expansão de um sentimento nobre

e elevado, como é, o do patriotismo e da confraternisação.

A retirada do rei da Hespanha impressionou muito o nosso monarcha: elle viu n'essa retirada, n'essa abdição um exemplo a seguir se possuísse as mesmas qualidades que possui o ex-soberano hespanhol.

A inauguração do regimen republicano na Hespanha é uma victoria, grande e elevada, da idéa republicana.

As aggressões de que fôram victimas os republicanos fluminenses deram a sua idéia maior força, maior energia, maior prestigio.

As noites de 27 e 28 do passado são o prenuncio de dias luctuosos e de males futuros.

O fim, porém, que teve em vista o governo, mandando apedrejar o estabelecimento da *Republica*, não foi conseguido: a idéa republicana ganhou mais proselytos e arraigou-se mais no espirito d'aquelles que sentiam o seu coração palpitar por esse ideal dos povos modernos.

O governo do nosso imperante tinha razões para proceder como procedeo: as qualidades que o ornam não podiam deixar de transparecer: a sua mascara não podia ser por mais tempo tempo conservada em seu rosto: os factos que occultava exerceram pressão forte sobre ella e ella teve que cair.

A monarchia no Brazil ia vendo o terreno affastar-se de seus pés e receiava.

O facto que se deu na Hespanha veio augmentar esse receio e ella, pelos acontecimentos das noites de 27 e 28 do passado, cavou em seu caminho um abysmo onde sua queda ha de ser fatal.

Os factos subsequentes hão de confirmar essa nossa prophécia.

As scenas escandalosas, que se deram n'esta capital, encerram em si um exemplo e uma lição.

Encerram um exemplo porque n'ellas transpareceu o espirito verdadeiramente democratico, o espirito da ordem e da moderação dos republicanos e o vandalismo dos asseclas, dos alliados d'esse systema corrupto e pôdre; uma lição para o povo pois que na attitude dos republicanos elle viu qual é o procedimento d'aquelles que tem consciencia do seu direito, das suas liberdades e de seu dever.

A mocidade academica, que sente em si o fervor do entusiasmo por todas as idéas nobres e elevadas, saúda da altura d'este lugar ao povo hespanhol e aos republicanos brasileiros.

A estes ultimos: ella só tem palavras de elogio para lhes dirigir á vista da attitude nobre e digna que assumiram; aos primeiros ella saúda e lhe envia um amplexo em signal de confraternisação, de igualdade e de liberdade, sentimentos que unem todos os democratas no universo inteiro.

Republicanos! Avante! não vacilleis no vosso caminho, na vossa propaganda: as nossas idéias hão de triumphar como a verdade triumphar sobre a mentira, a virtude sobre o vicio.

As aggressões de que foste victima hão de ser punidas: a mocidade será um dos elementos mais fortes para essa vingança.

A liberdade da reunião, de pensamentos, a segurança individual acham-se ameaçadas: é tempo que o povo reaja: essa reacção não pôde deixar de ser pacifica, condigna com os sentimentos que ornarn o povo brasileiro.

Antes de terminar, não podemos deixar de repellir uma affronta que pelo governo foi dirigida á população d'essa capital.

Essa affronta vem a ser a imputação dos actos de 27 e 28 do passado á população fluminense.

Limitar-nos-hemos comtudo a fazer esta simples defeza porque a população d'esta capital possui titulos bastante conhecidos para anniquilar de todo essa accusação tão infame como indigna.

Se a população d'esta cidade fosse só composta de tal gente, deviamo-nos considerar o povo mais infeliz que póde ter existido.

Fique portanto o paiz conhecendo o systema de governo que nos rege e o character do mesmo.

As consequencias dos factos de 27 e 28 do passado breve hão de ser conhecidas por todos.

A monarchia acha-se cada vez mais vacillante: n'uma d'essas vacillações ella cahirá, como a columna que tendo base pouco solida, não póde resistir a uma viração mais forte.

A mocidade academica portanto protesta contra os actos do governo, saúda o povo hespanhol e os republicanos, e espera o momento do triumpho da idéa democratica, que em breve ha de soar.

*Araujo e Souza.*

---

### Lição da Historia.

A ficção constitucional toca ao seu fim. De nada servem os sophismas dos cortezãos, nem os paralogismos dos monarchistas de boa fé. A sua hora de morte é chegada. Os factos valem mais do que o prestigio de uma doutrina impossivel, porque tenta harmonisar dous principios inconciliaveis: o povo e o rei. A historia, nas

suas paginas eloquentes, mostra-nos a impotencia e esterilidade dos que se dedicão a essa causa. A constituição do anno 1791, decretada pela Assembléa Constituinte, perdeu a França. Se em vez dessa constituição que conservava a realza, por um escrupulo supersticioso, os membros da Constituinte tivessem proclamado a republica, o mundo não teria assistido com horror aos holocaustos que deshonrarão a Revolução Franceza. A republica era o governo que, favorecendo as idéas, evitava a luta entre duas prerogativas, uma cheia de força e vigor, e a outra personificada em um rei fraco e pusillanime. A salvação da França, e mais ainda, da humanidade, estava na republica, não provisoria como quer Lamartine, porém como governo definitivo. As lutas do partido constitucional e dos partidos populares nessa epocha, os esforços estereis do primeiro para salvar a constituição e a opposição, corôada pela victoria, dos segundos, são uma lição pratica para os defensores do actual regimen. Devem estes se lembrar que, quando chega a hora solemne da libertação de um povo, os reis tornão-se incompativeis com elle. Ou cedem á corrente ou são submergidos por ella: em ambos os casos são eliminados. Carlos I na Inglaterra e Luiz XVI na França forão exemplos desta lei da historia nas suas consequencias severas.

A abdicação de Luiz XVI o teria salvo do cadafalso. A sua cegueira e a influencia de Maria Antonieta, collocando-o como um obstaculo á liberdade, o perdêrão. Vendo-se fraco e sem apoio, recorreu á corrupção pelo ouro. Mirabeau, que tinha tanto de eloquente quanto de venal, foi o primeiro comprado. Os Mirabeau são de todas as monarchias. Na nossa começão como *Timandros* e acabam como viscondes. A Mirabeau succedeu Barnave, seduzido, não pelo vil metal, porém pela bel-

leza de Maria Antonieta. De nada valerão á monarchia esses apoios conquistados pelo ouro ou pelos encantos da rainha. A hora fatal souo alfim, e a cabeça de Luiz XVI foi atirada aos pés da caduca Europa como prova do poder de um povo nessas horas supremas.

Não precisamos ir além para mostrar a lição que a historia nos fornece em relação ao rei constitucional.

A revolução, porém, não podia querer a destruição da monarchia e deixar de pé a columna poderosa que havia muitos seculos a sustentava. O clero, que ensinava a doutrina do direito divino, foi quem experimentou em primeiro lugar os ataques da idéa revolucionaria. Elle achou um defensor em Luiz XVI, e o *veto* constitucional foi lançado contra o decreto da Assembléa Legislativa.

Era logico: o throno tentava salvar o altar para salvar-se tambem. Esta coherencia da monarchia é de todos os tempos. No nosso paiz tambem a podemos observar. O clero, e o que é peor, o jesuitismo, fazem alliança com o poder; este deixa invadir pelos bispos o terreno das suas attribuições, e o povo, pobre cego, que apenas sente a chaga sem poder vêr o logar onde se acha, vem pedir aos alliados desse clero e desses jesuitas linitivo a seus males!

Tambem em França appellárão para o rei.... e depois sceptro e tiara forão rolar sob o cadafalso, pedestal deploravel sempre, porém algumas vezes necessario para a liberdade de um povo.

Autocratas da situação, aproveitai a lição enquanto é tempo!

*Miguel Lemos.*

## Discurso de E. Castelar

### SOBRE A FORMA REPUBLICANA

Srs. Deputados, entro em um campo não sómente esgotado, porém espigado completamente.

A discussão está esgotada, esgotada em todas as suas fórmãs, esgotada debaixo de todos os aspectos, e eu me atrevo a pedir a camara me conceda o que tantas vezes me tem concedido; atrevo-me a pedir a sua benevolencia. Esta benevolencia não a mereço nem pelo meu talento, nem pelas minhas qualidades oratorias; porém a mereço pela sinceridade das minhas opiniões, pela honestidade dos motivos, e pelo interesse que tenho em que todos salvemos os tres grandes principios que todos temos que salvar, a patria, a liberdade e a revolução de Setembro.

Srs. Deputados, levanto-me como sempre, com grande desconfiança nas minhas forças e com grande confiança na minha causa. Se attendesse ao decisivo dos vossos propositos, ao irrevogavel dos vossos votos, deveria levantar-me profundamente desanimado.

A monarchia é para mim a injustiça social e para minha patria a reacção politica. A monarchia vai vencer. A republica, não posso pronunciar esta palavra sem commover-me profundamente; a republica é para mim a justiça social e para minha patria a liberdade politica. Não obstante, a republica vai ser vencida. Nunca uma idéa se estabeleu com tanta claresa nem se impoz com tanta força como se tem estabelicido e imposto a idéa republicana. Nunca os entendimentos de seus inimigos foram mais cegos a essa luz, nem as vontades mais rebeldes a essa força. Não importa. Essa idéa vos sustenta, essa idéa vos illumina, essa idéa vos vivifica, essa idéa

cahe sobre vós como cahe, senão a luz, o calor do sol sobre os tristes e fechados olhos de um cego.

A sociedade é uma guerra permanente entre ás idéas e os interesses. As victorias parciaes, as victorias do momento são todas para os interesses; as victorias definitivas, as victorias totaes são todas para as idéas. *Vitrix causa Diis placuit, sed victa Catoni* disseram os antigos na linguagem sublime de Lucano.

Aqui pois a causa vencida é a causa da razão universal, é a causa do espirito humano, ou se desejais outra linguagem mystica, é a causa da Providencia é a causa de Deus. Vossos votos se derigem contra o espirito do seculo como as settas decertos povos barbaros do interior da Africa se dirigem contra o ceu. Forém, assim como aquellas settas cahem sobre os mesmos que as arrojão, vossos votos cahirão sobre vós; e tarde ou cedo, definitivamente, triumphará a republica. Eis aqui a grande confiança com a qual entro neste solemnissimo debate.

Srs. Deputados, ha poucos dias annunciava o meu digno amigo o Sr. Oreuse com essa singeleza da sua eloquencia que tanto se assemelha ao apologo do Evangelho, que a republica tambem tem os seus prophetas, e uma extranhavel gargalhada ou pelo menos um sorriso sceptico assomou aos vossos labios. Os que assim sorriam ao ouvir esta grande proposição, demonstraram que não conhecem a sociedade em que vivem. Da mesma maneira que o tempo tem tres epochas, passada, presente e porvir; como o pensamento que tem tres phases, these, antithese e synthese; como o universo que tem tres forças, atracção, repulção e harmonia a sociedade tem tres partidos, o partido dos sacerdotes, que é o partido de hontem, que é o partido das recordações; o partido dos homens de Estado, que é o partido dos interesses, o partido conservador; e o partido dos prophetas,

dos matyres; que é o partido do porvir, que é o partido republicano. E' dessa maneira, senhores, que a escola democratica, se é que pertença a ella, se eu tenho o direito de me chamar democrata, do qual duvido desde que vós outros o sois, eu vos digo que a escola democrata tem feito grandes sacrificios pelo futuro, e o futuro em recompensa lhe confiou o seu segredo e lhe revelou seus sublimes pensamentos.

Assim como vós outros, os reaccionarios ou os que se sentaram naquelles bancos conheciam as velhas crenças onde as velhas sociedades se agarrão; assim como vós outros, conservadores, conheceis os interesses do momento em que se agarrão as nossas soluções, nós os democratas conhecemos os altos e inaccessiveis cumes onde se agarrão as grandes tempestades que purificão a atmosphera e fecundão a terra. A escola democratica annunciou que Italia ressucitaria quando a Italia estava com a rigidez cadaverica da Julieta de Shak Rspere no seu sepulchro de marmore. E a Italia ressucitou. A escola democratica annunciou que no conflicto americano a republica sahiria forte, quebrada a escravidão. Olhai para além do Atlantico e vereis aquella republica com as cadeias de tres milhares de escravos quebradas a seus pés, e nas suas mãos as formulas luminosas do porvir que se reflectem como uma esperança na velha Europa cansada de seus apodrecidos reis.

A escola democratica annunciou que no conflicto allemão a Austria seria vencida, porque a Austria representava a reacção politica e a escravidão da Hungria e Veneza. E a Austria foi vencida. A escola democratica annunciou que a Prussia seria vencedora, porque não sómente deu impulso ao movimento intellectual da Allemanha, senão que impulsou tambem o movimento intellectual de todo o genero humano. E a Prussia recolheu

na batalha de Sadorva o enrouxado sceptro de ferro que a Austria possuia e o guarda nas suas mãos até que chegue o dia venturoso de entregal-o a uma confederação dos povos germanos. A escola democratica annunciou que na grande e extraordinaria luta do Mexico as tropas francezas não poderião apagar com as suas bayonetas o facto capital de nosso seculo: a independencia da America. E as tropas francezas, sempre vencedoras, voltárão do Mexico desenganadas e confusas. A escola democratica annunciou que o descendente de Carlos V e de Isabel a Catholica, que o representante da monarchia, que o representante da conquista, que o representante do absolutismo, não poderia restaurar lá na America a monarchia, nem impedir a republica; e o cadaver de Maximiliano se extendia entre as praias republicanas da America e as ribeiras monarchicas da Europa como se estende o cadaver de Carlos I entre a velha e nova Inglaterra, como se estende o cadaver de Luiz XVI entre a velha e nova França. Pois bem, Srs. deputados, quando a dynastia estava no zenith de seu poder, no apogéo da sua gloria, 22 luminosos votos sahidos destes bancos annunciárão que a dynastia cahiria, e 15 annos depois a dynastia cahiu. Uma legião de jovens oradores, como talvez não tem havido em nenhuma camara; uma legião de jovens oradores, que todos haveis applaudido, vem aqui e vos annuncia que vai vencer a republica, e vencerá a republica!

Ah! Srs. deputados. Um dos homens mais illustres que ha em um dos povos mais positivistas da terra annunciava estes grandes presentimentos, estas grandes prophcias. Fallo de Mr. Brigh, o primeiro orador radical da Inglaterra, o mais eloquente, hoje ministro da rainha Victoria.

Mr. Brigh dizia estas eloquentissimas palavras: "Cada

raça tem os seus grandes sanctuarios: os judêos tem a Jerusalém, os arabes tem a Meca, e nós os saxonios, nós os saxonios, temos o Occidente, nossa patria, a patria das nossas idéas, o reflexo do nosso espirito; temos a America do Norte, e vos annuncio, inglezes, que somos prophetas, e que o regimen americano ha de invadir toda a Europa." Sim era propheta, não podia deixar de ser propheta, toda a escola democratica é propheta.

Os antigos prophetas, na fórma de revelação que todas as idéas tomavão no Oriente, erão os mais humildes, os mais ignorantes, os mais pobres dos reveladores; e no entanto, annunciárão que Ninive seria destruida, e Ninive foi destruida; annunciárão que Babylonia seria incendiada, e Babylonia foi incendiada; annunciárão que viria um Messias, e veio um Messias. Porque? Porque o ruído das suas cadeias lhes tinha inspirado o poema das suas esperanças; porque desde o fundo dos carcerees, em obscura noite, olhãvao sempre para o Oriente e lobrigãvao a luz do novo dia antes que amanhecesse, como a andorinha enxerga desde seu ninho de barro a alvorada antes de apparecer; porque odiãvao aos conquistadores e aos reis; porque sobre a tyrania dos Balthazares, sobre o sensualismo dos Sardanapalos, sobre os idolos, sobre os monstruosos templos, vião levantar-se uma grande idéa, a idéa de Deus unida á idéa da Providencia; como nós sobre os cesares, sobre os cortezãos, sobre os thronos vacillantes, vemos levantar-se outra grande idéa, a idéa da humanidade unida com a idéa do direito; e, para honra do genero humano, devemos dizer que sempre pertence, pertenceu e pertencerá o dominio da consciencia, e por consequente o dominio do mundo, ás grandes e progressivas idéas.

Estou certo de que haveis de dizer-me: o Sr. Castelar é sempre o mesmo; quando lhe pedimos uma solução,

uma solução constitucional, elle nos traz o apocalypse das suas crenças poeticas.

Já o meu amigo o Sr. Ulloa me comparava a Lamartine, e já o Sr. Silvela, não lhe satisfazendo esta comparação, se lembrou de Victor Hugo, e me comparou aos dous. E eu devo dizer que não ha n'isto absolutamente nenhum elogio. Não é possível comparar com Lamartine e com Victor Hugo um homem que nunca fez um verso; e se o Sr. Silvelo ou o Sr. Ulloa quizerão dizer que sou homem tão politico como Lamartine, pelo menos devo dizer que depois de o ter ouvido, se eu assim me acreditasse, recolheria o meu diploma e retirar-me-hia d'esta camara, porque não conheço um homem politico mais desgraçado do que Lamartine, sem que por isto trate eu de mingoar a sua grande gloria como historiador e como poeta.

Eu, senhores, se tenho dito alguma cousa relativa á poesia de nossas esperanças, tenho-o dito para que visseis que me dispo completamente da poesia de hontem, a que me tendes condemnado por espaço de tantos annos, desterrando-me da vida publica, e que desço, que venho á realidade, á questão do momento, á questão politica; considerando-a em relação á situação europea, em relação ao povo vizinho de Portugal, ás colonias, em relação á America, ao genero humano sobretudo; pelos factos do dia, pelas circumstancias do momento, pelo que está passando, eu não acho solução mais patriótica, politica e verdadeiramente humanitaria do que a solução republicana.

Srs. Deputados, eu duvidava se na realidade tinheis querido fundar uma democracia: porém desde o momento em que o Sr. Olozaga assegurou que sim ao Sr. Balagner em um dos discursos mais admiraveis, mais sobrios que tem sahido dos seus eloquentes labios, sem-

pre magistraes, acreditei que a commissão, se não pôde, quiz, ao menos, fundar uma democracia. Agora bem: o que é uma democracia? Qual é o primeiro principio d'essa democracia? O primeiro principio é a soberania nacional, a autonomia da sociedade, o direito que têm os povos de se governarem por si. Este principio o trouxe um grande tribuno ao mundo europeu no fim do seculo passado.

Qual é o segundo principio da democracia? O segundo principio, as faculdades do individuo são suas, uma lei sua, digamol-o assim; que constitue o seu ser. Essas faculdades do individuo, esses direitos individuaes, são superiores e anteriores á todas as Constituições, porque as Constituições se fundão sobre elles, como se funda este edificio em que nos achamos sobre a lei de gravidade.

Qual é o terceiro principio? O principio da escola harmonica que tão brillantemente nos explicou o Sr. Romero Giron, ainda que contradizendo com as suas consequencias todos os seus principios. Não existe sómente a lei das sociedades e do individuo, mas uma serie de lei fundamentaes que correspondem a cada uma das faculdades humanas: a vontade que se exprime pelo suffragio universal; a consciencia pelo jury; a razão pelas universidades. e todas estas grandes associações humanas se hão de organizar nos dois principios de liberdade e igualdade, os quaes resumem outro sublime, que deve corôar o edificio social: o principio de justiça.

(*Continúa.*)

---

## HISTORIA



### O progresso e o Christianismo

A mocidade estudiosa é essencialmente progressista.

Vê brilhar ao longe a estrella esplenderosa do futuro, e cerra os ouvidos ás vozes lugubres do poeta incredulo para correr presurosa á colher avidamente as palavras do philosopho do progresso.

Enthusiasta de Lamartine da revolução de 1848,—desse Lamartine grandioso e sublime que só com a eloquencia de sua palavra inspirada soube dominar e guiar as infrenes e terriveis multidões de Fevereiro, — a mocidade despede-se saudoza do eximio cantor do Jocelyn, apenas o primeiro raio de descrença lhe scintilla no bico de primorosa penna, e vai acercar-se do discipulo que, para defender a causa do progresso, não trepidou um só instante arcar com o grande mestre em uma luta gigante, que seria por certo desigual senão coubesse felizmente á um de convicção e força de logica o que em o outro excedia de talento e eloquencia.

A mocidade é hoje de Pelletan. Extasia-se com elle ante os triumphos esplendidos do progresso, admira com elle o aperfeiçoamento continuo e incessante da humanidade e com elle marcha compacta e unida em defesa dos sanctos principios do seculo XIX,— que são a base da maravilhosa doutrina do divino philosopho da Judéa!

Onde, porém, vai a mocidade descobrir o germen de todo o progresso humano, o principio do aperfeiçoamento progressivo e o escudo com que se cubra para lutar em prol desses principios sublimes proclamados do alto de uma cruz pelo grande revolucionario e confirma-

dos pelo sangue de tantos martyres e pelas violentas commoções de tantas sociedades ?

Onde, senão no Christianismo, nessa sublime religião de amor e de misericórdia ?

Onde, senão no Christianismo, nessa sensata revolução tão simples e modesta em seu desenvolvimento, porém tão magestosa em suas aspirações ?

Onde, senão no Christianismo, nessa maravilhosa doutrina pregada pelo mais glorioso de todos os martyres e o mais sublime de todos os heróes ?

O *Christianismo* é, sem duvida a fonte donde emanam todas as grande idéas, todas as grandes aspirações e todos os grandes princípios, que hoje brilham no horizonte da humanidade.

Nos tempos biblicos, mythologicos e mesmo no mundo grego e romano, triste era a condicção da sociedade humana.

Guerras collosaes e medonhas eram de continuo emprendidas pelos povos, uns contra os outros, trazendo sempre, como consequencia fatal, a carnificina, a destruição, o saque e o captiveiro ! Era o fraco escravo do forte, e este escravo por sua vez, dos mais despoticos de todos os senhores—os reis.

Ao menor aceno do senhor soberano, erguiam-se os povos e, por entre todos os horrores da fome, da miseria e da morte, atiravam-se uns contra outros e despedaçavam-se reciprocamente, como as feras nos circos publicos, enquanto elle, reclinado em fôfos coxins entre as delicias de sens prazeres bebidos em os labios voluptuosos das suas mais formosas escravas — sonhava o dominio de mais alguns milhares de seres humanos, a posse de mais alguns milhões, as caricias de mais alguns labios purpurinos e os enebriantes prazeres de muitas

noites dormidas sobre seios ainda virgens de novas escravas conquistadas!

A mulher era a escrava do homem, a machina da procreação e o instrumento dos prazeres sensuaes. Era sustentada para trabalhar, para procrear e para satisfazer os appetites brutaes de seu senhor. Os pobres contentavam-se com uma, porque não tinham posses para tel-as em grande numero, os ricos tinham-as em maior ou menor numero conforme os seus haveres e a sua lascivia delles.

Na sociedade primitiva, a mulher não era a companheira, era a femca do homem; para a Grecia, era apenas a expressão formosa do bello; e finalmente, a mulher romana era, na republica, uma simples necessidade material para a procreação, e, no imperio a prostituta, ou a adúltera, sendo a castidade na romana uma prova de fealdade.

As creanças, os filhos nada mais eram que futuros escravos, que, mais tarde, teriam de sacrificar-se nos campos de batalha para gloria de seus senhores soberanos. Por isso, só se conservavam aquelles que nasciam perfectos, assassinando os alejados e tortos que para cousa alguma podiam servir. Dava-se-lhes uma educação grosseira, porém rigorosa e apta para tornal-os bons escravos e valentes soldados.

Veio a revolução christã e a face das cousas tornou-se inteiramente outra.

Nascido do mais humilde plebêo, educado por pais amorosos porém ignorantes, Christo conseguiu a mais resplandente de todas as corôas,—a da divindade.

Comprehendeu o mundo sem estudal-o nos livros dos doutores e concebeu a sua obra sómente pela força de sua intelligencia divina e pelos sentimentos sublimes de seu coração sem igual. Vio a humanidade abatida e pros-

trada e emprehendeu erguê-la, como se erguera á si proprio.

Onde empreza mais arrojada, onde problema mais intrincado, que esse da transformação da sociedade humana?! Não era apenas uma revolução religiosa, era mais ainda, era uma revolução social. Abalar a sociedade humana, revolvê-la desde os alicerces para reerguê-la sobre novas e mais solidas bases,—empreza impossivel seria por certo para outro que não o divino philosopho que illuminou o universo todo com o brilho offuscante de sua gloria e os scintillantes reflexos da sua aureola divina!

Foi completa a reforma, como completa fôra a concepção da grandiosa obra que tantos beneficios, e que tanto aperfeiçoamento tinha de espalhar por sobre o universo.

Maravilhosa era sem duvida a religião de Moysés, porém mais maravilhosa ainda é a do martyr do Calvario!

“ Grande es Dios en el Sinai; el trueno le precede, el rayo le acompaña, la luz le envuelve, la tierra tiembla, los montes se desgajan; pero hay un Dios más grande, más grande todavía, que no es el majestuzo Dios del Sinai, sino el humilde Dios del Calvario, clavado en una cruz, herido, yerto, coronado de espinas, con la hiel en los labios, y sin embargo, diciendo: *Padre mio, perdónalos, perdona á mis perseguidores, porque no saben lo que hacen!* Grande es la religion del poder, pero es más grande la religion del amor; grande es la religion de la justicia implacable, pero es más grande la religion del perdon misericordioso! ”

A' benefica sombra que projecta por sobre a humanidade a grande arvore do amor, da caridade e da misericordia, estendeu-se a civilisação e com ella o progresso e o aperfeiçoamento da sociedade.

“ Vejo as leis humanas estabelecerem differença entre a raça livre e a escrava.

“ Não conhece esta differença a lei de Deus. ” Exclamava S. Chrysostomo.

E o homem de escravo que era tornou-se subdito e o subdito transformou-se em cidadão. Quebradas as cadeias do escravo, pouco tempo sujeitou-se á obediencia das leis arbitrarías e tratou de assumir o seu verdadeiro papel de membro da grande familia humana. As sublimes palavras que exprimiam o fundamento da doutrina do Christo:—*Liberdade, Igualdade, Fraternalidade*,— calaram-lhe n'alme e em breve elle comprehendeu que devia de ser livre, que era igual á todos os outros homens e que provinham todos do mesmo pai:—Deus.—

Comprehendeu que o Divino Mestre, nascendo da classe mais infima do povo para d'ahi erguer-se até á divindade, quiz mostrar ao homem que todos podem subir na escala social proporcionalmente á intelligencia que os illumina.

Comprehendeu que não podia ser escravo de outro homem e que só devia de obedecer ás leis estabelecidas pelo accordo do todos aquelles que vivessem com elle ligados pelos laços da nacionalidade, do patriotismo.

Comprehendeu, finalmente, que as leis, e mesmo as religiões, são feitas para os povos e não estes creados para elles.

Não é, por ventura, maravilhoso este progresso, este aperfeiçoamento na condição da especie humana? E, se assim é, como deixar de admirar a obra colossal do Nazareno, como deixar de, prostrado, adorar o divino reformador, que para sellar a sua eterna doutrina soffreu o maior de todos os martyrios, o martyrio da crucificação?!

É força reconhecer: Christo é a maior manifestação, a mais sublime da suprema divindade!

A mulher tambem foi resgatada com a palavra do Nazareno, em cujo livro ficou escripta a missão grandiosa dessa porção da humanidade, que reúne em si todos os encantos e todas as seducções.

Bazea-se a familia na natureza e na igualdade dos sexos, e a mulher, arremessando a corôa da bachante, conquista a singela grinalda da esposa, da companheira do homem. Já não é mais a machina da procreação, é a alma, a vida da familia. O amor embalsama o lar domestico e a felicidade assenta-se risonha á beira do leito conjugal. A mulher escrava era vil e vendia seus encantos, mesmo quando não era comprada; a mulher livre tornou-se virtuosa, sublime, enobreceu-se e inundou a sociedade de doçura e de amor.

A mulher do mundo antigo exercia influencia por meio de seus encantos phisicos e dos prazeres que proporcionava; a mulher do mundo moderno exerce-a por meio de seus encantos moraes — o amor, a dedicação e a virtude!

De nullidade que ella era no desenvolvimento da vida social, transformou-a o Christianismo no primeiro elemento da civilisação e no principal instrumento para o aperfeigoamento progressivo.

“ Sobre duas forças gyra o mundo moral, diz o illustrado estadista portuguez D. Antonio da Costa: nós somos a razão da humanidade, vós, mulheres, sois o coração d'ella. ”

Fundada a familia na affeição mutua dos esposos, estreitam-se mais os laços do affecto, firmam-se melhor as bases da sancta instituição com o nascimento do filho. Ha completa transformação na vida conjugal: cessam os gastos superfluos, apparecem a economia, a ordem e

o respeito no seio da familia. Acabam-se as noites de divertimento fóra do lar, e os paes vem velar junto do berço onde dorme o filhinho.

O berço transforma-se em altar e ao entrarmos no sanctuario do matrimonio, ao contemplarmos a placidez do pequenino e a felicidade dos esposos que n'elle se reveem e se amam, ao aspirarmos o aroma que enche o casto aposento, emmudecemos e instinctivamente dobramos os joelhos ante aquella imagem do menino que soltou o primeiro vagido em um curral e d'ahi sahio para revolucionar e transformar o mundo!

Ahi, n'esse simples, mas tocante aposento, está a felicidade, porque está o amor.

O accordar do pequeno é um raio de alegria e de esperanza que penetra nos corações dos paes.

Deixemos descrevel-o a D. Antonio da Costa, na sua poesia e sentimental linguagem:

“ Acordou. Desannuvearam-se os rostos. Sorrindo-se o infante. Sorriu-se a mãe de o ver sorrir. Sorriu-se opa de os ver sorrir á ambos. Do berço em que dormia vóa para o seio materno, onde se expande todo em alegria, como o cysne entre as aguas. Do seio materno passa para os desageitados braços do pae. Segue-se então uma peleja mutua de caricias. O amor dos dous disputa a presa infantil por momentos de inveja. Ha ahi, sem nenhum o confessar, mas sentindo-o ambos, uma sombra de ciume egoista. Vence a mãe, como direito lhe é; e o pae, revendo-se no quadro, cede a palma indemniando-se com beijos. ”

Assim, tem o *Christianismo* na instituição da familia a base de sna gloria e na liberdade a certeza de sua universalidade.

Desde que ha liberdade, ha a possibilidade do desvio e a do bem; portanto, para que a liberdade concorra

para o aperfeiçoamento, carece de uma lei moral. Essa lei moral—que mantem o homem livre na justa direcção da perfectibilidade,— deve de ser a mais pura, e é portanto o *Christianismo*

A' razão, á propaganda, á educação pelas mãis de familia e á escola principalmente cabe a missão ardua, mas brilhante, de harmonizar o *Progresso* e o *Christianismo*, suffocando a descrença, o indifferentismo e o materialismo que campeiam hoje em dia sombranceiros no seio da sociedade christã.

O *Christianismo* abriu as portas do futuro ao *Progresso*; ao *Progresso*, cumpre, agora, estabelecer a moralidade e firmar as crenças pela disseminação da instrucção, que é a vida dos povos,

O *Christianismo*, elevando o homem acima de si mesmo pela crença na immortalidade, mostrou os campos do futuro para o caminhar sem termo do *Progresso*; e o *Progresso* dessiminando a instrucção, consolidará cada vez mais o reinado de—Christo!

*Aarão Reis.*

Rio, Março de 1873.

# SCIENCIA

## Analyse infinitesimal

### CONSIDERAÇÕES GERAES

A analyse infinitesimal, o passo mais arrojado da abstracção mathematica, sua importancia pela efficacia dos meios que emprega para chegar ao conhecimento das leis da natureza, constitue um verdadeiro monumento elevado ás sciencias por esses entes privilegiados, em quem Deos bafejou o sôpro do genio, na phrase elegante de um distincto escriptor.

Newton, Lagrange, Leibnitz!..... Eis os tres grandes vultos que os contemporaneos apresentam á admiração das gerações futuras.

A impossibilidade em que nos achamos na resolução de certas questões, em que os meios ordinarios da Algebra são impotentes, o meio natural de chegar á um resultado, senão inteiramente exacto, ao menos se approximando tanto quanto possivel da exactidão, fizeram nascer as primeiras idéas desse ramo importante das sciencias exactas.

As diversas expressões usadas na analyse infinitesimal, e que encerrão em si a sua base essencial, são da maior importancia para facilitar a solução das diversas questões; e essa repugnancia em aceitar algumas dessas expressões consiste em não considerar as cousas no estado em que ellas se apresentam, pela mania de em tudo philosophar, e que dá em resultado o abuso da metaphysica, sobretudo nas sciencias exactas.

Os resultados á que chegamos pela analyse infinitesimal, em vez de ser a approximação, como a apparencia indica, são do maior rigor, e portanto devemos concluir

que a metaphysica que presidio ás bases desse monumento das sciencias mathematicas, é clara, luminosa como as grandes concepções do raciocínio.

E, se o uso e abuso da metaphysica que se introduzio no calculo o fez alvo de grandes ataques, por ventura a Algebra, a Geometria e as outras sciencias têm estado ao abrigo das objecções?

Quem não vê, por exemplo, o uso da metaphysica na geometria quando procuramos uma idéa clara da linha, da superficie etc.: e, ao contrario, o seu abuso, quando o desejo de tudo explicar, nos leva á dissertação sobre a natureza da linha, da superficie, do ponto mathematico, pura abstracção do espirito?

Da mesma maneira quem não vê o abuso da metaphysica na analyse infinitesimal, quando, querendo penetrar na essencia do que podem exprimir essas quantidades infinitesimaes, esses incomparaveis, em relação aos phenomenos naturaes, nós começamos a dissertar sobre a existencia ou não existencia real dessas quantidades que só devem ser encaradas debaixo do ponto de vista de nossas concepções racionais?

Que nos importa a existencia ou não existencia real dessas quantidades, se as expressões — infinitamente pequeno — e outras de que usamos se adoptam perfeitamente aos phenomenos naturaes? Se vemos sempre o accordo constante das consequencias que se deduzem desses principios importantes da analyse, servindo-nos dessa linguagem tão adequada ao fim que temos em vista?

Por ventura, não chegamos a resultados rigorosos pela analyse infinitesimal sem considerações dessa ordem?

Certamente que sim: e essa repugnancia em aceitar as quantidades de que fallamos provem do abuso da metaphysica, sobretudo para esses espiritos refractarios

ao progresso das sciencias e que só podem ser comparados ao *philosopho*, de que nos falla o illustre D'Alembert, que, *interrogado sobre a natureza das acções humanas, perguntava ainda se havia homens.*

Por acaso, como diz Cournot, nós não deduzimos da lei das variações infinitesimales a lei das variações no estado de grandezas finitas?

Basta attender á um exemplo citado por esse autor para vir a convicção de que essa linguagem é não só muito adequada, como é a verdadeira expressão do modo das grandezas physicas.

“ Quando um corpo, resfriando-se, emite constantemente calor thermometrico, a perda de temperatura que experimenta n'um intervallo de tempo qualquer, por menor que se suppozer, é um effeito composto, resultante, como de sua causa, da lei, segundo a qual elle emite constantemente, em cada instante infinitamente pequeno, uma quantidade infinitamente pequena de calor thermometrico. A relação entre as variações elementares do calor e do tempo é a razão da relação que se estabelece entre as variações dessas mesmas grandezas quando ellas adquirirão valores finitos, o termo — razão — sendo aqui tomado em sua accepção philosophica.”

Os diversos processos empregados para auxiliar a Algebra todas as vezes que os seus recursos escasseão para a resolução de certas questões, comprehendem uma idéa commum e fundamental: substituir as grandezas que entrão na questão por outras que sirvão para facil expressão das condições do problema. Verdadeiras quantidades auxiliares que devem ser eliminadas, para levar o calculo á toda exactidão e entregal-o aos dominios da Algebra.

Essa idéa commum e fundamental faz com que todos esses methodos não sejam mais do que um apresentado

de diferentes maneiras. É o methodo de exaustação dos antigos.

Considerando todos os methodos apresentados, como sejam o de exaustação, o dos indivisiveis, o das indeterminadas de Descartes (o methodo fecundo por excellencia, pela indeterminação de diversos grãos á que podem estar sujeitas as quantidades e de que o calculo infinitesimal não é mais do que uma applicação), o das primeiras e ultimas razões, etc., etc., póde-se dizer que os que se mostram distinctos de maneira sensível são os de Newton, Lagrange e Leibnitz.

Desses tres methodos é o de Leibnitz o mais vantajoso pelas simplificações a que dá logar em virtude do desaparecimento dos infinitamente pequenos de ordem superior e pelo maior numero de meios de variar as suas expressões.

O methodo infinitesimal com o algorithmo differencial inventado por Leibnitz, mais do que o methodo dos limites, é a expressão natural dos phenomenos, e do modo de geração das grandezas que têm uma existencia real e que crescem por elementos menores que toda grandeza finita.

Qualquer delles, porém, é eminentemente rigoroso; tendem todos, por vias differentes, com a mesma exactidão, ao mesmo fim: expressão da lei de continuidade na variação das grandezas.

Lagrange teve grande repugnancia em aceitar os infinitamente pequenos, dizendo que se tem o grande inconveniente de considerar as quantidades no momento em que ellas deixão de ser quantidades, como se o infinitamente pequeno não tivesse um valor determinado.

Ora, se a critica é fundada quanto á não existencia do infinitamente pequeno, póde-se tambem dizer com Fraycinet que a idéa de variavel repugna, visto como esta pa-

lavra presuppõe a idéa de um valor preciso, actualmente determinado, se é legitimo dizer que o infinitamente pequeno não existe, dando-se como razão que tudo o que existe tem um valor determinado e portanto finito.

Questão analogá se ventila quando, comparando os dous methodos (Newton e Leibnitz), se dá a preferéncia ao de Newton, dizendo-se que no de Leibnitz tem-se a grande difficuldade de acceitar os taes infinitamente pequenos, os taes *incomparaveis*.

Por ventura no methodo de Newton, no methodo dos limites, não está comprehendida a idéia de infinitamente pequeno? Como poderemos conceber uma sem a outra?

Pois o limite não é uma quantidade fixa de que uma outra se approxima indefinidamente, de maneira que entre dous estados consecutivos a differença seja menor de toda grandeza dada, menor do que tudo o que póde conceber a nossa imaginação? Se assim é, o que será essa differença, senão a quantidade de que se trata, isto é, um *incomparavel*, um infinitamente pequeno? A connexão é sensível.

Seja como fôr, essas quantidades só devem ser encaradas debaixo do ponto de vista de nossas concepções racionaes, e não como tendo uma existencia real. São auxilliares que devem ser iliminados e que só servem para facilitar a expressão das condições do problema, da mesma maneira que as quantidades imaginarias que entrão n'um equação, só lhe dão algum sentido, quando, por transformações quaesquer, se chega a eliminá-las, para conhecer o valor verdadeiro da incognita.

Quanto ao methodo de Lagrange, seria grande a nossa admiração, se, fosse possível o que elle desejava. Considera a analyse infinitesimal como que a continuação da Algebra e dispensa de toda a idéia de limite, de fluxo, de infinitamente pequeno.

A base de sua invenção é a serie de Taylor. Mas, por ventura, o desenvolvimento em serie de uma funcção tem algum sentido quando a serie não é convergente?

Mesmo quando é convergente é preciso sempre demonstrar que quando o numero dos termos cresce indefinidamente, o resto da serie tende para o limite zero.

O desenvolvimento em serie completado por um resto que pôde tornar-se menor do que toda grandeza dada é equivalente a funcção de que elle derivou e n'esse caso a serie é convergente; elle pôde, porém, ser prolongado ao infinito, a serie pôde ser convergente e entretanto o resto pôde não decrescer indefinidamente. N'esse caso a serie não tem um sentido que nos faça chegar á um resultado decisivo.

Seja como fôr, diz Cournot, o methodo de Lagrange não tem a vantagem de eliminar as noções de que fallamos. A natureza das cousas e as leis do entendimento exigem aqui uma d'essas noções auxilliares.

Brevemente compararemos os tres methodos e com o acanhamento natural á quem tão pouco entende da materia, daremos a preferencia á este ou aquelle.

---

# LITTERATURA

## Sem titulo

AO MEU AMIGO HONORIO

Nunca sentado a beira-mar, velejando teu pensamento pelos mares do ideal ao meigo influxo da poesia, experimentaste a doce melancolia de uma dessas noites de luar tão lindas em nossa terra, quando a lua parecendo surgir do banho, como a casta Suzana, mostra sua face corada, vergando o flexivel collo aos doudos affagos da brisa, embalsamada de fragrantos odores?

E ao ouvir os harpejos divinos dessa harmonia celeste das vagas quebrando-se cadenciosas sobre as esbranquiçadas arcias da praia qual triste endeixa, ao errar da vista, cançada do incipido espectaculo da terra, pelo immenso oceano de ether em cujas ondas balouçam-se tantos mundos scintilantes de luz, não te pareceu nunca que a lua envolvida em um véo de gaze, animava-se tomando as fórmas gentis da donzella lasciva por quem de continuo teu coração palpita?

Pois, bem! ainda a pouco, fatigado das lides do dia sentei-me esquecido deste mundo em uma pedra á margem do mar enlevando-me na magica contemplação da lua, que altiva como uma rainha de bellezas, ostentava suas galas, percorrendo os paços de saphyra do firmamento.

Reinava sobre a terra adormecida entre as dobras do cortinado da noite, um silencio sepuchral, só de quando em vez quebrado pelo latido lugubre de algum cão tres-noitado.

As virtudes e os vicios repousando durante os curtos instantes da noite, alentavam-se para no dia seguinte mais desencados, recommencarem a renhida lucta travada nos arrayaes da humanidade.

Solemne momento é esse em que o dobre mortuario do zimbório, atravessando a amplidão do espaço vem quasi extincto prevenir o pensador nocturno—que meia-noite soou no inexoravel relógio do tempo.!

Meia-noite! hora aprasivel de tristeza e melancolia em que parece que a terra por momentos embala-se innocentemente nas azas douradas de um sonho sublime, esquecida das vicissitudes da vida, alheia ás intrigas e vis interesses do dia!

Mas não... talvez que nesse mesmo momento, agrihoado pela insomnia aquelle a quem á pouco estendemos a mão de amigo e concedemos o abraço fraternal, afague a imagem brilhante de uma bôa fortuna em metal por que vendeu no mercado social a nossa insignificante amizade!

Talvez que á donzella de pudico olhar, de candido pejo, que ainda hontem nos protestou mil ternas juras de um amor eterno, o sacrificio de sua adoravel existencia, mollemente reclinada em languidez musulmana sobre as almofadas do alvadio leito, um suspiro entreabra a linda flor dos labios, scismando, já sem de nós se lembrar, na bôa aquisição que fez no baile de á poucos instantes de um illustre membro do carnaval social, em cuja frente nem uma fagulha de intelligencia fulgura, mas que em compensação occulta o seu prosaico nome entre as dobras de um titulo mercadejado e esconde os mazellas passadas debaixo da bordada libré da illustre fidalguia e a face hypocripta sob os pregas do imprehensivel chapéo de dois bicos.

Entretanto eu não os crimino por se deixarem arrastar pela vertiginosa corrente que conduz ao abysmo da depravação, porque bem poucos ha que ou por uma inaudita, e admiravel abnegação, ou por terem nascido no berço onde a prostituição moral não poude ainda poluir-lhes a innocencia, teem podido impunes resistir ao magnetismo fascinador do ouro, preferindo antes, segundo a phrase correcta da illustrada nobresa, chafurdar-se no lodaçal da pobreza tendo a vantagem porém de tranquillia patentear sua consciencia.

Consciencia! palavra vã que de á muito se acha riscada do dicionario dos nobres, onde tantas outras ha cujos significados são bem differentes do da plebe.

Foi reflectindo nessa prostituição moral, na devassidão ostentada entre o luxo dos camarins da aristocracia, que

lançando um olhar retrospectivo para o meu passado, lembrei-me desses tempos felizes de criança dessa primavera querida da mocidade que a semelhança do botão carminado, desabrocha aos risos da aurora para em breve fenecer crestada aos raios ardentes do meio-dia da vida, e tive saudades então dessas noites passadas ao luar em jogos infantis ao ruído das vozes confuzas e das admoestações de minha mãe.

Invejo a vida placida do Guarany, que desquitado deste mundo materializador, verdadeiro leilão em que se põe em almoeda os verdadeiros sentimentos, faz das mattas virgens seu lar, sua sociedade e seu paraíso,

Melhor, do que nós, elle contemplando lá nos sertões na hora meiga do por do sol o idílio sublime da natureza, curvando os joelhos então murmura constricto—  
Existe um Deus !

Rio, 15 de Março de 1873.

*J. da Cunha.*

---

## Amor, Fanatismo e Inconstancia

EPISODIO PERSA.

*Varium et mutabile semper femina*  
(Virgilio.)

Na cidade de Ispahan, na Persia, vivia em 18.... uma familia adepta á religião de Zoroastro. Compunha-se ella de pai, mãe e duas filhas, das quaes uma podia ser tomada por filha dos deuses, se o que se passou mais tarde não viesse provar que como as descendentes de Cain, só merecia o nome de filha dos homens.

Um joven musulmano, que entretinha relações de amizade com essa familia, concebeu uma paixão por uma dellas: a mais moça. Timido e humilde por natureza só

confiou por muito tempo o segredo do novo sentimento que o dominava a Deus e a um amigo intimo que possuía. Os obstaculos com que tinha que lutar, entre os quaes figurava a differença de crenças, contribuirão para que elle guardasse o silencio. Demais, ao contemplar aquelle rosto que só traduzia belleza, candura e innocencia, julgava ser felicidade superior ao seu merecimento, o fazer com que esse rosto o favorecesse com um sorriso de amor.

Muito tempo depois acreditou lernos seus olhos que lhe não era indifferente, e animado por uma esperanza vaga chegou-se a ella e fallou-lhe. A moça escutou-o com indulgencia e na espontaneidade dos seus movimentos, na commoção que trahirão as suas palavras, o joven sectario do Alcorão, via que era feliz, que era amado. Tempos felizes forão aquelles que se seguirão a esta mutua confissão, bem felizes se os comparamos com os que vierão mais tarde! Coração ardente, alma entusiasta, o mancebo amou com todas as potencias dessa alma e com todo o ardor desse coração.

Ali, assim se chamava elle, tinha então dezeseite annos de idade. Um desenvolvimento precoce o fizera amar prematuramente, circumstancia que concorria para fazer esse amor mais ardente ainda. Educado na religião dos antigos conquistadores da Persia deveu porém abjurar essa religião, na sua consciencia, por um facto que havia dous annos se dera. Passando por Ispahan dous moços europeus que visitavão o paiz tiverão occasião de conhecer o joven musulmano. A amizade acabou o que a sympathia tinha começado.

Os dous moços pozerão á sua disposição a pequena bibliotheca que trazião consigo. Ali leu, e a luz fez-se no seu espirito. O asqueroso sensualismo de Mahomet e o seu absurdo fatalismo forão abjurados. O racionalismo teve mais um proselyto. A imaginação de arabe, porém, não se apagou: á huri-corpo ella substituiu a huri-espirito.

Dous annos depois conheceu a familia de Mazdae. Era este um velho Guebro, (1) fanatico hypocrita e que votava

---

(1) Nome que hoje se dá aos poucos sectarios de Zoroastro.

um odio profundo aos conquistadores da Persia e por conseguinte a religião que tinha suplantado a primitiva. Batalhador nas fileiras de Ahriman, (1) havião poucas esperanças de que pudesse, na morte, atravessar a ponte Tehinevad. (2) Tal era o pai ou antes o padrasto da formosa Zélida, a quem Ali consagrava o seu amor.

Reunindo os encantos do corpo aos atractivos do espirito, Zelida era uma dessas mulheres que sem ser typos de belleza, podem comtudo ser a realização de um ideal. Seus olhos e cabellos "côr da noite" e sua tez morena, parecião pertecer antes a uma filha dos tropicos do que a uma filha do Oriente. Contava apenas quinze annos de idade quando Ali a conheceu. Entre duas almas jovens e entusiastas, é facil a communicão da faisca electrica do amor. Zélida amou trambem.

Na união d'esses dous corações estava symbolisado o eloquente protesto da natureza contra as instituições humanas. Estas, embalde tentão pôr péias as expansões expontaneas dos affectos, a natureza sempre triumphadora torna palpavel a inefficacia de taes meios. A natureza em todas as suas manifestações nos diz: amai; as religiões surgem e gritão: odiai. Não é para admirar que as almas sãas obedeção á voz da primeira.

Porém, se Ali e Zélida representavão a tolerancia, filha do Amor, Mazdac representava o fanatismo ignorante e a hypocrisia malvada, filhos do Odio. Facil lhe fôra perceber o sentimento que unia os dous jovens, e invocando os Dews (3) da sua Crença jurou romper, com mão ingrata, tão doce laço. Separando os corpos cuidou separar as almas. Pobre ignorante! Ali sentia o seu amor augmentar, tão verdade é que a ausencia robustece as grandes paixões. Zélida derramava lagrimas que terião commovido outro que não fosse Mazdac.

Este maltratou-a horriavelmente e estabeleceu em casa um systema de espionagem. Tudo em vão! A mocidade com o seu vigor unido á esperanza do amor triumphava

---

(1) Representante do principio do mal.

(2) Ponte que só podia ser transposta pelas almas justas.

(3) Espiritos malignos.

habilmente da policia de Mazdae. Que importa que não se fallassem! Os olhos não são bastantes eloquentes e não dizem tudo quanto o coração sente? E Zélida com aquelle olhar languido e ardente ao mesmo tempo, comprehendia bem a sua linguagem. Ali era victima d'esse olhar. Parecia-lhe que a mulher amada exprimia por elle o perdão dos tormentos que soffria. Quanta commoção sentia, o pobre moço, quanta alegria exultava sua alma e quão pura era essa alegria, quando seus olhos avistavão a gentil Zélida nas ruas de Ispahan. Esta, commovida, tambem apresentava todas as manifestações de um verdadeiro amor.

Um anno tinha já decorrido depois que o fanatismo armara-se contra o amor. Ali amava ainda como no primeiro dia. A luta que tinha sustentado não o acabrunhara, mais firme e resolutto ainda, confiava no futuro. Tinha confiança em Zélida, porque o amante se compraz em adornar o objecto amado de todas as virtudes. Zélida porém, teria todas menos o vigor que distingue as almas fortes e a constancia de um coração sincero.

Espirito fraco não pôde resistir a um anno de provações. Qual não seria a dôr, a desesperação do pobre Ali ao certificar-se d'esse factto? No primeiro momento, pareceu perder o juizo, e entregou-se a uma exasperação, indigna de um homem. A reflexão veio depois. Zélida não lhe inspirou senão desprezo, e na verdade ella o merecia. O coração que mente não é digno de Ali.

Hoje Ali entrega-se completamente ao estudo. Achou nos livros, esses verdadeiros amigos, a consolação de que precisa. Os livros o comprehendem; Zélida não o comprehendeu. Quando os amigos lhe fallão de Zélida, elle responde: Allah lhe perdôe.



## Chronica.

*Summario.*— Razão de ser desta chronica. Chronica e gravata. — Apuros de um chronista.— Apedrejamento da *Republica*. — Pescador e votante. — O partido do *Jornal do Commercio*. — Hyppocrates no senado. — Santo Antonio e a febre amarella. — Tres cousas em que creio. — Mimi e os necrologios. — Theatro. — Os Urbanos e a palestra. — Club Mozart. — Inspectores e cortiços. — Abertura das academias. — Epilogo.

Um dia o meu amigo Fulano de Tal encontrou-se comigo no vestibulo do Conservatorio de Musica, digo, da Escola Central:

— Oh! sicrano, queres escrever uma chronica?

Eu pensei que elle pedia-me fogo, e entreguei-lhe o cigarro, respondendo:

— Pois não! com muito gosto!

Desse equívoco nasceu esta chronica, que Deus permitta seja feliz como todos os filhos do acaso.

\* \* \*

E parece que uma chronica é cousa tão importante para um jornal, que se trata como a gravata para o cidadão *comme il faut*. E é pena que seja tão inutil como ella.

Ponhamos, comtudo, o laço do estylo ao pescoço deste jornalzinho e percão desde já as esperanças os que contavão com a classica e alva gravata nupcial: a minha chronica ha de sahir por força desalinhavada e desenhada como o pai, isto é, como eu.

\* \* \*

Ora evidentemente, disse com os meus botões apenas me vi elevado ao cargo de chronista, evidentemente o primeiro dever do historiador (e o chronista é para o historiador o que o Marques Sobrinho é par o bey de Tunis: faz as cousas em ponto pequeno), o primeiro dever é ter noticia dos factos que vai contar. Porém isso é exactamente o que não acontece commigo, pobre gotta de agua que os acontecimentos vão rolando no meio deste grande oceano do mundo, inscia de si, e dos outros por melhor razão....

Conhecidos os factos, que devem servir de assumpto á

chronica, resta ainda a tarefa de temperal-os com o sal grosso do caipira Felippe, ou com o assucar refinado do mellifluo Alceste.

E quantas obrigações annexas ao penoso officio de folhetinista!

Em tempos de festas é preciso descrever corêtos e luminarias, transcrever discursos e poesias.....

Dá-se um baile, e eis-me no apuro de ir tomar conselhos com o Dr. Bazilêo das Neves para saber quaes os *toilettes* mais mimosos e poeticos.... E eu que nem sei o que é gaze, nem polonaise, nem drap-de-France!

Ha um motim republicano, e tenho de implorar o auxilio do *publicista* Climaco dos Reis, para dizer-me quem tem razão e quaes são os homens perigosos!

Decididamente foi um tentamen arrojado aquelle meu de prometter uma chronica quando me pedião fogo!

Mas....*chroniquemos* o que pudermos.

As novidades mais salientes da época são as novidades politicas.

E assim deve ser em uma terra onde até os ilhéos fazem politica.

(Não se veja nisto preconceito de nacionalidade: sabemos perfeitamente que, se não fossem os ilhéos com os seus burros e a *erioula* com o seu esguicho, o Sr. tenente-coronel não poderia circumscrever os incendios e a peste.)

E' aqui a occasião de fazer uma profissão de fé politica. Mas primeiro vou contar uma historia. Ha muitos annos, queridos leitores, apparecia em occasião de eleições, na parochia de São ou de Santa \* \* \*, um velho pescador, que vinha conscienciosamente depositar a sua cedula. Uma vez lembrou-se um gaiato de escamotear-lhe a cedula para devassar o segredo daquelle rigido velhote a quem nem as enfermidades, nem o peso dos annos, conseguião extorquir o seu infinitesimo quinhão da soberania popular. Sabem o que leu? Adiante do nome de cada um dos candidatos o malvado escrevêra um nome de peixe.

E assim podia lêr-se:

Dr. Longuinho Zoroastro Carapicú.  
Commendador Andronico Regadas Paraty.  
Coronel José Pereira Catta-Preta Cassão.  
Dr. Rozendo Icario Namorado Salgado.  
etc. etc. etc.

Havia vinte annos que o tratante do velho debicava a eleição indirecta!...

Inclino-me á opinião do velho pescador: viva o partido do *Jornal do Commercio!*

E como a illustrada redacção da gazetilha, que dá noticia das disputas da rua de S. Jorge e dos torneios do cães do Pharoux, nada disse sobre o *enchouricamento* da *Republica*, força me é acreditar que nada houve, e tudo aquillo nao passou de um pezadello dos Srs. republicanos, ou de uma peça dos Srs. monarchistas.

De positivo ha só tres causas :

1º O Sr. Climaco mudou de redacção (vide *Jornal do Commercio* do dia 8 de Março).

2º Que o Sr. José Rodrigues Teixeira, ainda não deu os vivas do estylo.

3º Que um republicano do Chiador offereceu, por carta, sorrindo, o seu sangue aos canibaes do dia 28. E' escusado dizer que os canibaes não aceitarão, (vide boletim republicano do dia 8).

\* \* \*

No senado discute-se fortemente para saber si a febre amarella começou em fins de Dezembro ou principios de Janeiro. Parece prevalecer a idéa de que a peste veio com a abertura das camaras.

O Sr. Jobim protestou em nome da sciencia, e demonstrou que Laboulaye é Magendie e os systemas politicos uma dependencia do grande nervo sympathico.

Eis uma idéa! Machiavel feito Galeno!

Como tudo se explica então!

Que bonitas metaphoras não ganharião com isso os publicistas e os oradores!

“ — Receitastes o purgante do ventre livre, exclamaria um opposicionista,—e porque não applicais o ads-

tringente da eleição directa? Tardais tanto que quando pegarem as bichas da democracia, o paiz terá entrado no periodo dos vomitos negros!

“ — Clamais que a corrupção vem do cerebello, responderia um ministro, e não esperais pela hematose dos bons costumes!

Passeios a S. Christovão e caldos substanciaes de subsidiuos,—e o doente entrará em prospera convalescença!”

E os bispos a prégarem contra o *delirium tremens* da maçonaria!

E os maçons a protestarem contra a *insufficiencia mitral* do episcopado!

Que pagode!

Aquelle Sr. Jobim tem cousas!

\* \* \*

Fallemos de assumptos tristes.

A epidemia continúa a dizimar a classe mais desprotegida da fortuna.

Contra o terrivel monstro tem-se colligado todas as summidades da sciencia (os medicos, sempre é bom dizer) e da opulencia (não precisa explicação).

Mas o meu carroceiro—que aliás é um bom pai de familia e com quem faz gosto conversar... de longe,—affirma que no hospital estabelecido no convento de S. Antonio, não ha o desvello que fôra para desejar. As más linguas dizem que o Sr. Victor Meirelles, que tem a sua officina—*atelier* sôa melhor—naquelle edificio, prepara-se para reproduzir na téla algumas scenas de desolação e abandono ás quaes tem assistido....

Não creio... mas eu tambem sou tão sceptico!

\* \* \*

Verdadeiramente só ha tres causas em que creio piamente:

1º Na exposição nacional, que tem levado dous mezes a encaixotar os boiões e maçarocas, que manda a Vienna d'Austria.

2º Nas eleições do Sacramento, cujas aventuras e des-

graças correm parelhas com as da princeza Magalona.

3º Na erudição de distincto chimico Bartholomeu Tavares, a quem devemos, nós os indoutos, importantes noções sobre a exona e a febre reinante.

\* \* \*

A litteratura está em calmaria podre. Depois de *Mimi* e *Rosalina*, tudo emmudeceu....

Apenas de vez em quando os pios plangentes dos poetas elegiacos, cujos versos só se distinguem da prosa pela razão que apontava o *demonio familiar* na Comedia de J. de Alencar: são linhasinhas que não chegam até ao fim do papel.

\* \* \*

De theatro não falleemos.

Basta dizer-se que a Phenix é actualmente o unico representante da arte dramatica.

O Heller vae tirar do bahú os *milagres de Santo Antonio*, assim como o honesto taverneiro que na semana santa faz sahir do bolorento gavetão a sovada casaca preta.

No cassino confraternisão agora o povo e a policia, graças aos discusos do sabio Mentor, que parece ter comprehendido até onde chega o bom senso do povo fluminense.

A dictadura Martins estende-se até ao S. Luiz. O Furtado que, como artista, é incontestavelmente digno de estima, levou comsigo as ultimas esperanças de uma restauração.....

Ah! si o Conservatorio e o Sr. Augusto de Castro nos quizessem valer! Porque motivo estará mirrada aquella mãozinha que escreveu o *Barbas de Milho* e o *Cincoenta Contos de Réis*?

Como abate depressa a espuma do genio!

\* \* \*

O Rio de Janeiro vae-se tornando insociavel.

Não se representa, não se toca, não se canta, não se dança, não se conversa!

Faz apenas excepção o Club Mozart, que embora pouco frequentado, continua a dar os seus sarões do costume com uma tenacidade de igual á d'aquelles cactus qua se apegão aos muros abrasados, e á primeira aragem da noite abrem as urnas formosas das suas alvissimas flôres!

Para essa falta de sociabilidade contribuem muitas causas:

O calor causa primordial senão unica das *dilatações* e *emanações* que o Sr. Galvão quer remediar encanando agua em todo o mundo;

A febre, de quem só não se queixão os medicos e boticarios (léa-se pharmaceuticos);

A falta de dinheiro, que já matou o Carnaval, e segundo dizem, quiz matar a *Republica* e a *Nação*;

E a policia.....

A policia?

A policia, sim senhor, e quem duvida leia a gazetilha do Jornal do dia 10:

“ O Commandante da 1.<sup>a</sup> mandou apresentar ao subdelegado da freguezia o official de justiça José Ferreira da *Rocha Sampaio*, que estando ante-hontem *pelas 5 horas da tarde* n'uma reunião de *palestradores* no largo de S. Francisco de Paulo, desrespeitou o rondante no acto em que este *dispersava* o grupo. ”

Si os dignos Srs. Urbanos não permitem que se palestre ás 5 horas da tarde, como não hade o povo viver sorumbatico e melancoligo?

E aquelle *grupo* não era, não podia ser demagogico... Um homem, que se chama *Rocha* e *Sam-Paio*, é, mais do que qualquer outro, proprio para arremeçar a *pedra* e o *chouriço* contra os sectarios da *republica*.

\* \* \*

E já que tratamos de policia, mais um pedido ao dito Sr. Ludugero. Porque motivo S. Ex. não contribue para extinguir a classe dos inspectores de quarteirão?

Fallo serio: esses são os verdadeiros agentes da *corrupção*, e senão attendão-me.

Eu moro em uma rua onde ha um cortiço repleto de subditos do *regalantuomo*. Se acontece morrer um, apodrece ao cabo de dous dias, sem poder-se obter o *sepulte-se* do inspector, que anda a passeio.

Olhem que isto não tem só valor anedoctico, como diz o eloquente Sr. Gusmão Lobo.

Corre que as Escolas de Medicina e Central só se abrem no 1º de Abril.

Será caçoada?

Mas parece que a Hygiene o exige.

E a humanidade dos Srs. ministros e lentes formulará um programma de accôrdo com os sonhos dourados dos calouros:

Abolição de sabbatinas;

Perdão de acto;

Golozinas e refrescos gelados em horas de lição.

As prelecções serão feitas em verso e cantadas com côros de alumnas do conservatorio.

Isto, com a musica dos Allemães e as cascatas da exposição, será o paraíso terreal.

\* \* \*

Amigo Fulano, creio que já acabei a chronica.

Si te não agrada a incorrecção da phrase, corrige-a: sem cerimonia!

Mas a liberdade de pensar, essa não m'a tires; si a não toleras, reenvia-me estas tiras sujas, assim como me entregarias o cigarro apagado com o classico:

— Muito obrigado:

E seria o caso de responder-te:

— E' porque não chupaste bem.....

Pois então procura um phosphoro!

*Nec.*

## POESIA

### Surrexit!

(ODE)

Où! où j'étais, cette croyance que mon  
peuple, après les labeurs de la mort, allait  
deployer ses ailes et saisir le glaive du  
miracle pour les labeurs de la vie.

*Sigismund Krasinski.*

Ea vejo!... será sonho? ea vejo! espanto! assombro!  
ahir-se um campanário e resurgir das tumbas  
os Lazaros-nações!!

Rasga-se enfim o véo das trevas amblições!  
Elles surgem, lançando, após, de sobre as frentes,  
como o divino-mórto, as campas impotentes.

E augmentam-se as visões! — A's almas que os reclamam,  
ouvindo-lhes a voz, seus corpos se apresentam,  
como o guerreiro á postos!

Milagre! espanto! assombro! Os Cesares depostos  
não mais virão, cruéis, o placido das noites  
turbar-lhes acerrando o ferro dos açóites.

Os povos todos n'um, ligados, confundidos,  
parecem formar já um oceano immenso  
por sobre o qual se avista  
o espirito de Deus ufano da conquista!  
O Alpes se une ao Jura! os Andes aos Pirineus!  
lembrando a lenda antiga, o mytho dos Anteus!

D'um lado e d'outro, luz, nas altas cordilheiras!  
além se azula o mar, beijando os horisóntes,  
espumeo, fulgurante!  
por toda parte luz! luz nova e radiante!  
O mundo livre assim dos laços infernaes:  
se dá á liberdade em gratos esponsaes.

E ea fito o olhar além e vejo então se erguendo  
da liberdade á voz, galvanica descarga,  
o genio das Espanhas!

De Cadiz á Madrid, dos valles ás montanhas:  
E' ella, é ella! diz-se, és tu, pallida amante!  
nova do Cid! és tu! Emfim!... avante! avante!

E! a noiva do Cid! ella  
que sóta as azas e vôa!  
busca nos céos uma estrella,  
sorri ús nuvens, revôa  
e atravessa a immensidade,  
semelhante á tempestade  
nos hombros do furacão!  
Resplende um sol nos espaços!  
E' o porvir que em seus paços  
alegre lhe estende a mão!

Eil-a inda lá offegante,  
perdidás do rosto as cores,  
mostrandô no olhar flammante  
vestigios de longas dôres.  
Prorompê leda harmonia  
e o anjo — democracia —  
vem-lhe de louros cingir!  
Agora por entre os lyrios  
de sua c'roa de martyrios  
ha mais um symb'lo a fulgir.

Eil-a! enfim na promettida  
Sião de todos os povos!  
É é lá co'a voz ungida,  
e com mil acentos novos,  
que a liberdade lhe ha dado,  
em presente de noivado,  
o doce asylo da paz!  
O céo sorri á tua gloria,  
nobre Espanha, e tua victoria  
um novo exemplo nos traz!

Quando ha pouco pelo mundo  
tu te arrastavas mendiga,  
eu tive um asco profundo  
ao ver.... ah! não sei se diga,  
um heróe teu.... filho, Espanha  
off'recer-te.... dar-te a sanha  
d'Augustulos e pigmeus!!!  
Mas teu genio immaculado  
corava de indignado  
nas grimpas dos Pirineus!

E eu perguntei á historia:  
é essa a nação enorme,  
que semeiou tanta gloria  
e agora sceptica dorme?  
é possível dar-se o caso

de ajuntar-se um dia, acaso,  
a grandeza á pequenez?  
E' esse o povo gigante,  
que entende e applaude, ovante,  
os planos do Genovez?

Malditos, pois, sejam todos!  
mas ah! não, fôra impossível!  
Desperta, estirpe de Godos;  
vem tu, Pelagio invencivel;  
sacode as cinzas das campas,  
turba de bravos, que as pampa-  
do novo mundo juncou;  
soldados de Saragoça;  
heróes de Setembro, a vossa  
Espanha resuscitou!

Para além das serranias  
esplende a luz redemptora!  
Castelar como Isaías,  
co'a palavra atoadora,  
profetisa ao despotismo  
sua hora de paroxismo;  
faz vel-a ao mundo e bendiz!  
Estremece a aulica tropa,  
que inda tem atada a Europa  
no carro da meretriz.

E' a reforma, o direito,  
que requer a humanidade;  
o evangelico preceito  
democracia, egualdade!  
E chama a isto demencia  
a boca vil da impudencia!  
Raça d'harpia voraz,  
foge á luz que te offusca,  
alma nua, mas não busca  
cravar-nos os teus punhaes.

Ah! como esta hora é solemne!  
como é sublime este dia!  
cae co'o passado o infrene  
aborto da tyrannia!  
Sobre as quebradas cadeias  
se ergue um trophéu ás idéias  
que Deus semeia a sorrir.  
E' a hora derradeira  
da Espanha antiga e a primeira  
da Iberia do porvir!

Foi longo e disputado o teu litigio,  
ó patria de Cervantes, mas foi puro,  
o sangue não manchou teu *bonnet phrygio*

Nas scenas desse drama,  
entre o povo e o poder foi tua a palma!  
O seculo te aclama!

Eu sempre guardei n'alma a esperança  
de vêr-te, após as trevas, luminosa,  
sorrindo-te ao passado como a França!

Teu gladio é rayo agora!  
é rayo, mas de acção e de trabalho  
na tenda que se arvora!

Bem vindo, pois, os écos desse brado!  
sim — viva a liberdade! — salve! salve!  
Que importa que o cynismo fulminado  
te chame de — mentira!

Tu viverás no tempo! hoje e depois  
nos sons de minha lyra!

Rio de Janeiro, 1873.

*J. E. Teixeira de Souza.*

---

## Recordações

Oh! bien heureux celui qui peut dire  
— J'ai une mère.

N'est' hora que o sol descamba,  
Entre os montes se escondendo,  
E vêm as auras correndo,  
Pendidas flôres beijar;  
E lá no Céu em desmaios  
Entre nuvens resvallando,  
Vem a lua prateando  
Dormente lago á chorar;

N'est' hora, que lá nas trevas  
Os mimosos passarinhos,  
Vão procurando seus ninhos  
Nas comas dos arvorêdos;  
E a briza suspirando  
Por entre as folhas perdidas,  
Pelo chão já resequidas  
Cicia em ternos segredos;

N'est' hora pungente, eu choro!  
Evocando a mãe querida,  
Qu'escondeu tão cedo a vida  
No seio da Eternidade!  
E curvando triste a fronte,  
Derramando amargo pranto,  
Desliro na lyra um canto  
Da mais infinda saudade!...

.....  
E agóra, que tudo dorme  
No meio da solidão,  
E se embala o coração  
Em sonhos d'amôr e crença;  
Sinto partir-se minh'alma,  
Já no mundo sem alento,  
Supportando atróz tormento  
Mergulhada em dor immensa!

s—3—73.

*A. R. W. Pacca.*

---

### Escuta

Hespanhola gentil, do teu poeta  
Nas mãos trementes já descanta a lyra,  
Hespanhola gentil ouve os cantares  
De quem sobre o teu seio ama e delira.

Pelo teu Manzanares tão saudoso...  
Pelo Gualdaquivir de verdes agoas...  
Pelos jardins floridos de Sevilha  
Escuta o soluçar de minhas magôas!

Tu queres me deixar! mirando as flôres  
De minhas noites brancas, delirantes!  
Tu queres me deixar: o amor no peito...  
E na lyra os pallidos descantes!

O viver de Sevilha enamorada...  
Esse sorriso da formosa Hespanha,  
Acena-te e tu vais... oh! porque deixas-me  
Immerso para sempre em dôr tamanha!?

Aqui tambem os laranjaes floridos  
Trescalam os perfumes que procuras ;  
Aqui tambem ha muito amor na vida  
E no amor, Hespanhola, mil loucuras !

Aqui tambem as tardes têm mysterios...  
E as manhãs choram lagrimas de prata ;  
Tambem nas noites de luares languidos  
Ouve-se ao longe o som das serenatas....

Oh ! não queiras partir ! deixa-me ainda  
Fitar o teu sorriso em doudo enleio !  
Gravar nas noites brancas, delirantes  
Este mundo de amor que tens no seio !

Oh ! não queiras partir filha da Hespanha !  
Flôr que emigraste de andaluza palma ;  
Escuta... se te vais mata-me a sêde...  
— Tu eras el oasis de mi alma !

*Lins de Albuquerque.*

---

## Andaluza

(Á ELLA)

Quem quer do Norte as pallidas beldades,  
Malfeitãs, frouxas, languidas e frias?  
(*Byron — Child-Harold.*)

Eu gosto de uma Andaluza  
Morena, gentil, faceira,  
Como tão bella na Hespanha  
Não existe castellã ;  
Nas janellas de Sevilha,  
De Cadix nas praias limpidas,  
Ou de Madrid entre as damas,  
Não tem ella outra irmã.

Seus olhos negros, inquietos,  
Tão puros como o luar,  
Tem taes requebros—ai—tantos!...  
Que excitão loucos desejos ;  
E no labio assetinado  
Pela penugem mimosa,

Em que palpita um cigarro,  
Encerra um poema de beijos!

Nas faces afogueadas  
Pelo ardente sol da Hespanha,  
A minha gentil Andaluza  
Tem do jambo a viva côr;  
E os seios...que dons idylios!  
Occultos de pudor bello  
Sob a cambraia da neve,  
Do sandalo expargem o odor.

Na fremente castanhola  
Ninguem a palma lhe leva;  
Quando ella agita o *abanico*,  
Mostra bem que é Hespanhola!  
E as notas da *consioncilla*  
Recordão as serenatas  
De Sevilha ou de Sorrento  
Aos preludios da viola.

Se a vejo no camarim  
Sob o divan reclinada,  
Com o pé travesso affagar  
A cadelinha engraçada,  
Não sei porque sinto zelos,  
E tenho impetos loucos  
De me atirar em seus braços:  
Bejar-lhe a face rosada!...

Porém a casa onde mora,  
Não digo p'ra não ser vista,  
Porque se alguem se atrever  
A lhe fallar á persiana,  
*Caramba* a luva me lança,  
É rapida verá fulgir  
A lamina do meu punhal  
Em defesa da sultana!

Março — 1873.

*J. da Cunha*